

A Marselhesa Tupiniquim

Quando os romanos chegaram na Britânia – Inglaterra (55 a.C.) viviam na ilha povos que dispunham de poucos objetos, habitações simples, sem burocracia, nenhuma sofisticação na linguagem, comércio, direito e diplomacia. A religião primitiva exigia sacrifícios, pessoas eram queimadas vivas nas fogueiras. Aprenderam muito com os romanos e hoje o inglês britânico tem mais de 50% do seu vocabulário de origem latina. Foi graças ao enriquecimento latino, que esse “inglês” dos bretões preponderou sobre os diversos dialetos falados na ilha. A Britânia (Celta) acabou fragmentada no séc. VI, ocupada por Anglos e Saxões (Germanos). Os invasores desprezaram a cultura britânica mas adotaram a sua língua, assim é que a Inglaterra, que quer dizer país dos Anglos (Germânicos) fala o Inglês Britânico dos inimigos Celtas. Língua que serviu a Shakespeare, Newton, Joyce, Benjamim Franklin, Einstein, e continua frutificando.

Quando era membro do Conselho Estadual de Cultura, um dos pares propôs que o ensino do francês fosse obrigatório nas escolas, para contrabalançar a influência do inglês. Embora aprecie a sonoridade do francês, a marselhesa e a cultura francesa, o projeto representava um alto custo para a educação, que ainda não investiu na descoberta do nosso ambiente natural e cultural, risco maior para a perda da nossa identidade. Votei contra e como o colega conselheiro arrematou a sua fala com uma crítica ácida às multinacionais que usam o inglês, propus um ataque direto a algumas dessas empresas, na linguagem financeira delas e ao mesmo tempo saudável: aos fabricantes de pasta de dente. Produto incorporado recentemente à nossa cultura, generalizado e de uso incorreto induzido pela propaganda, que mostra a pasta sendo aplicada cobrindo todas as cerdas da escova, no sentido do seu maior comprimento. Hoje à noite, aplique a pasta sobre as cerdas da sua escova no sentido da largura. Você vai usar menos da metade da quantidade proposta no anúncio. Escove os dentes e depois bocheche com água seguidas vezes para cuspir a espuma, como sempre faz. Em seguida escove novamente os dentes, com a escova sem pasta. Você vai observar a formação de espuma e isso acontecerá mais algumas vezes, se você repetir o procedimento.

Passando a usar 1/4 da quantidade de pasta mostrada na propaganda e havendo uma conscientização nacional, a demanda vai encolher, cabeças vão rolar nas empresas, satisfazendo aos radicais e sádicos. Nossa saúde fica melhor garantida. É possível que algumas pessoas estejam doentes hoje em consequência do chumbo e do flúor (metais pesados) que até há pouco tempo estavam presentes nas embalagens e fórmulas de todas as marcas de pastas de dente encontradas no mercado, ou em consequência dos abrasivos e detergentes, que dão polimento aos dentes e produzem espuma abundante. Segundo o nosso médico comunitário, esses produtos irritam mucosas e podem provocar gastrite. Minha mãe depois dos 40, e uma gastrite, passou a escovar os dentes sem pasta e sarou.

O curioso é que o governo e a mídia tão aplicados em suas campanhas anti-tabagistas, que é um problema opcional, se descuidam da pasta de dente que é de uso universal-freqüente e da poluição atmosférica, que não perdoa velhinhos asmáticos e nem criancinhas indefesas.

Aqui em Vitória, ES, o vento nordeste dominante, nos traz da região do Porto de Tubarão, cerca de 50 toneladas/dia de pó de minério, retirado dos estoques a céu aberto e do processo de embarque sem proteção eficiente e também ferro puro, que escapa das chaminés nas siderúrgicas. Isso causa prejuízo à saúde de todos, aos equipamentos eletro – eletrônicos, à nossa higiene e ao turismo. Prejuízo que ainda não foi estimado.

Sabendo que gerações de humanos viveram por milênios em cavernas e tendas enfumaçadas, acreditamos que sobreviveram os mais aptos para suportar a fumaça. Não há registro na história da humanidade de que homens tenham recebido pulverizações constantes de ferro e gases liberados por siderúrgicas, e selecionados, adquiriram resistência à essas agressões. Nós capixabas seremos cobaias até elevarmos nossos estandartes poluídos escritos em Tupi e Inglês, contra a tirania econômica, lembrando da Marselhesa. Kleber Galvêas

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com